

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

JANEIRO DE 1902

N.º 1



Um archeologo esquecido

Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura

Com este artigo tenho por fim desenterrar do esquecimento o nome de um benemerito, embora modesto, archeologo trasmontano, que viveu nos fins do sec. XVIII e primeira metade do XIX. Refiro-me a Manoel de Queiroga¹ Correia Carneiro de Fontoura.

No *Diccionario Bibliographico*, t. VI, pag. 266, cita-se um pequeno opusculo que elle publicou em 1844, mas diz o auctor do Diccionario que nada pôde averiguar da biographia de Carneiro de Fontoura, nem ao menos saber qual era o seu nome de batismo, pois no mencionado opusculo este nome está indicado apenas por «M».

Todavia, como tive ensejo de examinar dois manuscritos que Carneiro de Fontoura deixou, colhi nelles algumas noticias que entendo dever dar a lume, porque todos os que trabalham com sinceridade tem direito a que os façamos lembrados, e apreciemos com justiça o fruto do seu trabalho: e Queiroga está neste caso. Os manuscritos a que alludo pertencem ao Rev.^{do} Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno Abbade de Miragaia, que com a maior liberalidade me permittiu que os examinasse em sua livraria, no Porto, e d'elles extrahisse as notas que eu quisesse. Postoque a descrição d'elles só tenha de ser feita mais adeante, no cap. II d'este artigo, é-me preciso mencioná-los aqui, por causa das referencias que se me torna preciso fazer-lhes no cap. I; são os seguintes: *Memorias genealogicas* e *Apparato de antiquida-*

¹ Ora encontro escrito *Queiroga*, ora *Quiroga*.

des¹. Alem d'estes manuscritos e do opusculo impresso, tenho ainda conhecimento de um artigo escrito por Fontoura a proposito de uma inscripção romana. Aos elementos biographicos colhidos nas fontes indicadas, que são, porém, em pequeno número, junto algumas informações que o illustrado collaborador d-*O Archeologo Português*, o Sr. Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, teve a amabilidade de me obter, segundo communicações que recebeu de alguns parochos de Trás-os-Montes.

I

Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura nasceu na Granja, freguesia de Jou, no 1.º de Abril de 1784. A freguesia de Jou pertencia naquelle tempo á comarca de Chaves, hoje pertence á comarca (e concelho) de Valpaços.

Seus paes foram Carlos Antonio Queiroga Teixeira e Maria José Carneiro de Fontoura, que casaram em 30 de Novembro de 1780. Seus avós paternos: Francisco de Queiroga Teixeira e Anna Maria de Sá Carneiro, da freguesia de Lamas de Orelhão; e maternos: P.º Leonardo José Carneiro, do logar da Granja, e Joanna Gomes, do logar de Zebras, freguesia de S. Nicolau dos Valles. Foi batizado em 8 de Abril de 1784². O nosso auctor teve tres irmãos: Luis, Ignacia e Anna. Ou por todos os ramos, ou só por alguns, era de descendencia nobre: nas *Memorias genealogicas* intitula-se mesmo «fidalgo por linhagem», e ahi, a fls. 13, segundo uma communicação do Sr. Abbade de Miragaia, falla na sua casa *solariega* da Granja do Jou. A relação d'estes factos não deixa de ter certa importancia, como veremos adiante. Na sua familia havia, pelo menos, outro padre, alem do já mencionado; chamou-se elle João Manoel de Queiroga, seu tio (reitor da villa de Franco, fallecido em 1828).

A esta parentela ecclesiastica se deve talvez o facto de Carneiro de Fontoura seguir a mesma vida. Segundo o que me diz o Sr. Castro Lopo, elle ordenou-se em Braga. Numa carta do Rev.^{do} parochos de

¹ Já depois de escrito o que precede, me disse o Sr. Abbade haver offerecido estes mss. á Bibliotheca Municipal do Porto. — N-*A Vida Moderna*, n.º 26, de 7 de Março de 1895, publicou o mesmo Sr. uma breve nota á cêrca dos referidos manuscritos.

² Estas informações foram em parte ministradas pelo Rev.^{do} Parochos de Jou, em carta de 9 de Novembro de 1895, dirigida ao Sr. Castro Lopo: provém do livro dos batismos. Completei-as com o que se lê nas *Memorias genealogicas*, fls. 213.

Lamas de Orelhão, dirigida ao Rev.^{do} parcho de Jou em data de 23 de Novembro de 1895 e que me veiu ás mãos por intermedio do Sr. Lopo, encontro o que se segue: «Parece que o P.^o Manoel Queiroga Carneiro Fontoura, logo que se ordenou, veiu para Lamas, onde tinha familia. Por os livros do registo vejo que fôra aqui encomendado desde Março de 1810 Em 1816 he feito cavalleiro da Ordem de Christo».

Parece que foi em 1816 que terminou as *Memorias genealogicas*, pois no rosto se lê essa data; ahi se intitula tambem «cavalleiro na Ordem de Christo».

No *Apparato de Antiquidades* cita-se a data de 1825; como o titulo d'esta obra é dado no folheto impresso, que tem a data de 1844, segue-se que o *Apparato* foi escrito entre 1825 e 1844.

Entre estas duas datas posso mencionar ainda um facto da sua vida: a sua nomeação para reitor das Lamas de Orelhão, que foi feita em Abril de 1832¹.

Carneiro de Fontoura finou-se nas Lamas em 20 de Novembro de 1856, sendo sepultado na igreja matriz d'essa freguesia².

Aqui está tudo o que pude apurar da sua biographia propriamente dita, e creio que mencionei os factos essenciaes d'ella, porque, ao que se crê, a vida de Carneiro de Fontoura correu serena: vida de estudo e de bondade. «Foi homem muito virtuoso, — diz-me o Sr. Castro Lopo na carta já citada —, e por esta circumstancia, que não tanto pela do seu saber, ainda hoje é lembrado pelos velhos da freguesia».

Passarei agora a occupar-me mais detidamente dos trabalhos litterarios que deixou.

II

1. A obra mais antiga do nosso auctor é a seguinte: *Memoria Genealogica, ou Apparato para o tractado das genealogias da provincia de Tras-os-Montes, tirado dos melhores genealogicos e dos cartorios e documentos authenticos, assim antigos como modernos, procurados para este fim* — por Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura, fidalgo por linhagem, cavalleiro na Ordem de Christo, natural da freguesia de Jou, no termo de Chaves e morador na villa de Lamas de Orelhão neste presente anno de 1816.

¹ Carta do Rev.^{do} Parcho das Lamas, de 23 de Novembro de 1895, já citada.

² Carta citada na nota antecedente. E carta do Sr. Castro Lopo, de 31 de Dezembro de 1895.

É um volume in-folio, de 272 fls., com algumas paginas em branco.

Á semelhança de outros genealogistas, que não querem deixar os seus credits por mãos alheias, Fontoura trata ali largamente da historia da sua familia. De si, porém, diz sómente: «M. de Q. C. C. de F., cavalleiro professo na Ordem Militar de Christo, e depois Reitor da igreja de Santa Cruz de Lamas de Orelhão, e autor de algũas obras de leteratura, algũas já impressas». Esta observação deve ter sido accrescentada posteriormente a 1844, em que appareceu a lume o folheto que em breve descreverei. Posto que o auctor, ao fallar das suas obras, diga «algũas já impressas», não se conhece mais nenhuma nesse caso, alem do mencionado folheto.

O ms. tem letras variadas, o que mostra que Fontoura collectionou apontamentos de differentes proveniencias.

D'esta obra tirou uma cópia, com prévia auctorização do Sr. Abade de Miragaia, o Rev.^d Manoel Joaquim da Silva Machado, reitor que foi de Bornes: cfr. *A Vida Moderna*, n.º 26, de 7 de Março de 1895 (Porto).

Vimos, no cap. 1, que o nosso auctor provinha de estirpe nobre; isto explica que, tendo como tinha, inclinação para as investigações historico-litterarias, se lembrasse de escrever a genealogia das familias trasmontanas, e por isso da sua propria. Começando pelos seus, começava bem.

2. Superior á obra precedentemente mencionada é a que tem por titulo: *Apparato de antiguidades romanas explicadas, e collecção prompta de regras, exemplos, e observações theoricas e práticas necessarias para illustração das artes e sciencias; interpretação, intelligencia e perfeito conhecimento dos authores latinos e das antigas inscripções dos marmores, bronzes e medalhas; seus differentes pezos, e valores reduzidos a moeda portugueza, etc.*, — com tres estampas, — por M. de Q. C. F.

Volume in-folio. Algumas das folhas estão só escritas de um lado, como é costume quando se destina uma obra á impressão.

A obra compõe-se de duas partes, que vou analysar.

PARTE I.—Consta de quatro livros, cujas materias são as seguintes:

LIVRO I. Intitula-se *Diccionario de antiguidades romanas*, e vae de pag. 1 a 319. Da seguinte lista de titulos consta qual a materia tratada: AS, ATHENAE, AVGVR, AVRICA, AVSPEX, BALNEAE, CADVCEVM, CARTHAGO, CATO, CAVDINAE FVRCAE, CENSOR, CICERO, COLONIA, CONSVL, DANAIDES, DENARIVS, DEVCALION, EVPHEMISMVS, FLAMEN, GALLIA, HISPANIA, HOMERVS, LARES, GENITIVVS, GENIVS, GLADIA-

TORES, MVNICIPIVM, MYTHOLOGIA, NUMISMA, PATRICI, PROVINCIA, SCIENTIA & ARTES, SESTERTIVS. O auctor trata assim successivamente da mythologia, da historia litteraria, da geographia, da numismatica, da rhetorica, da grammatica. Alguns d'estes artigos constituem verdadeiras dissertações, mais ou menos extensas, como o que se intitula AS e o que se intitula NVMISMA. O artigo DENARIVS foi reproduzido no folheto que se imprimiu em 1844, do qual fallarei mais adeante; a estampa que acompanha o folheto foi collada no ms. do *Apparato*, no lugar respectivo. No mesmo folheto foi tambem aproveitado o artigo sobre NVMISMA. A proposito do artigo em que trata da HISPANIA surge-se com toda a razão contra o que alguns auctores disseram da existencia dos reis fabulosos da Iberia, attribuindo isso ao italiano Fr. João de Viterpo, que o faria para lisongear D. Fernando de Hespanha; todavia a lenda é mais antiga, e podem buscar-se os fundamentos d'ella num passo do historiador Josepho (sec. I), erroneamente interpretado. Lê-se ahi: *καταλιζει δὲ καὶ Θώβηλος Θωβήλου οἴτινες ἐν ταῖς νῦν Ἰβηρας καλοῦνται: quin et Thobelus Thobelis sedem dedit, qui nostra aetate Iberi vocantur*¹. Josepho não diz se falla da Iberia do Occidente, se da da Asia; por isso S. Jeronymo (sec. III-IV) escreve: *Thubal, id est, Iberi Orientales, vel de Occidentis partibus Hispani*². Estas singelas indicações concorreram para o apparecimento de muitas fabulas de que diversos historiadores das cousas de Hespanha e Portugal encheram longos capitulos das suas obras, povoando de reis phantasticos as regiões da Iberia nas epocas primitivas. De *Tubal* até houve quem suppusesse que veiu a palavra *Setubal!* Mas não é aqui o lugar apropriado para me occupar d'isto, e volto pois ao nosso auctor.

Segue-se ao assunto tratado por Fontoura um Supplemento ao *Diccionario de antiguidades*, com os nomes proprios pelos quaes no tempo dos Romanos foram conhecidas várias cidades, promontorios, rios, etc., pertencentes a Portugal. Se Fontoura junta ás vezes indicações tiradas de AA. gregos, junta tambem nomes como *Callipolis* = «Villa Viçosa», o qual não passa de uma grecização moderna, forjada, como creio, por André de Resende.

LIVRO II. Intitula-se *Lettras e cifras*, e vae de pag. 320 a 358. Consta de dois capitulos: cap. I, *Do valor das lettras do alphabeto latino*, — grande lista de abreviaturas semelhante ás que já vinham

¹ *Opera omnia graece et latine*, Amsterdam 1726, liv. I, cap. VI.

² *Opera*, t. V, Verona 1786. p. 311.

na *Prosodia* do P.^o Bento Pereira; cap. II, *Das notas ou cifras numeræ de que usárão os antigos Romanos, e de que ainda hoje se usa.*

LIVRO III. Intitula-se *Chronologia dos reis latinos e romanos, dos consules, dos imperadores, dos cesares e dos tyrannos, etc.*—Vae de pag. 359 a 414. É um resumo chronologico da historia romana até o tempo de Romulo Angustulo.

LIVRO IV. Intitula-se *Dos Fastos consulares.* Vae de pag. 415 a 436.—Contém uma estampa que representa uma moeda romana, e outra que representa uma medalha relativamente moderna.

PARTE II.—Contém 146 paginas, e consta de dois livros:

LIVRO I. Intitula-se: *Das inscripções romanas, suas definições e differenças.* Vae de pag. 1 a 132. Transcreve de Grutero, Argote, João de Barros (*Antiquidades de Entre Douro e Minho*) e outros AA. várias inscripções para exemplo das definições e para commentarios historicos. Discute-as e annota-as, classificando-as em: religiosas, funerarias, honorificas, etc.

LIVRO II. *Calendario romano gentilico commentado.* Vae de pag. 133 a 146.—E aqui termina toda a obra.

Do que deixo dito se evidencia que o *Apparato de antiguidades romanas* é obra circumstanciada, noticiosa e erudita.

Carneiro de Fontoura conhece as fontes historicas, e consulta nos proprios originaes os auctores antigos que cita; diz elle a pag. II do discurso preliminar da Parte I: «Só nos monumentos coevos e originaes é que se póde achar aquella verdade, sem a qual todo o estudo é quasi nullo; faltando esta certeza, e immediata notícia de antiguidade interior, jamais se poderão estabelecer regras de instrucção elemental». Nestas palavras, porém, elle tem em mira principalmente os monumentos. Ellas poderiam servir de norma a muitos litteratos modernos que só sabem fazer citações em segunda mão. O auctor possui espirito claro, vê as cousas com precisão: «o estudo das antiguidades romanas, — nota elle na Parte I, discurso preliminar, pag. II—, é transcendente para quasi todos os estudos, e deve por isto constituir ãa das principaes partes da instrucção pública». O valor especial da epigraphia encarece-o assim no citado discurso preliminar, pag. VI: «os nomes antigos de muitissimas cidades só por meio das inscripções é que tem chegado ao nosso conhecimento; e as situações de outras, mencionadas nos auctores, tãobem nos serião desconhecidas, se não fossem indicadas por estes monumentos, com os quaes, á proporção que vão apparecendo, se vai tambem illustrando a geographia profana, e mui principalmente a ecclesiastica». Do seu espirito crítico dá prova

a censura que na Parte II, pag. 81-82, dirige a Argote por este haver aproveitado, sem discussão, as informações archeologicas que recebeu de várias partes. Sem dúvida, Fontoura por vezes não descobre cousas que a critica moderna, melhor armada, descobre; e tambem ás vezes aceita como authenticas inscripções que o não são: mas isto não admira. Elle proprio falla modestamente de si: dispõe de pouco tempo, tem poucas fôrças, e são «grandes os trabalhos para consultar livros que não ha nesta provincia aonde escrevo, e maior ainda as difficuldades pelo intrincado da materia»; comtudo não desanima em levar a cabo a emprêsa a que metten ombros. (Parte I, discurso preliminar, pag. VII-VIII).

Dedica a sua obra á educação da mocidade. Que salutaes conselhos elle dá, nestas palavras do citado discurso, pag. III, aos archeologos principiantes!: «a docil mocidade só deve estudar pelos authores originaes, aprender nelles, e nas inscripções e medalhas, a historia romana».

Apesar de Fontoura mostrar bastantes conhecimentos, estar bem ao facto da litteratura romana e do movimento archeologico do seu tempo, parecer-me-hia pouco prudente publicar hoje na integra o *Apparato de antiguidades*. O que teria sido util nos principios do sec. XIX, seria agora serodio. A análise que acabo de fazer e os extractos que publico adeante bastarão para dar ideia dos meritos de Fontoura.

3. O terceiro trabalho de Fontoura, de que tenho de fallar, é em ordem chronologica o seguinte: *Instrucções de Numismatica, para uso da mocidade estudiosa e dos curiosos em gabinete de medalhas antigas*, — Porto, Typographia Commercial Portuense, 1844, folheto de 40 paginas, com uma estampa. No prologo diz: «Em quanto, pela falta d'hum sufficiente numero de assignantes, continúa a retardar-se a impressão do *Apparato de Antiquidades Romanas explicadas* ¹ obra volumosa, á (sic) muito tempo completa, e já, por vezes, enunciada em varios programmas, e periodicos de huma e outra capital; resolvi, para utilidade dos candidatos, divulgar, antecipadamente, pela imprensa as presentes instrucções de Numismatica, que na mencionada minha obra occupão quatro dos 460 artigos differentes em que ella se divide. Oxalá, que esta pequena parte chegue a subministrar ao respeitavel publico huma

¹ [O A. junta uma nota no fundo da página, onde transcreve por extenso o rosto do *Apparato*, que já vimos acima qual era, e onde dá uma ideia sumária da materia e divisões da obra].

idea perfeita do seu todo, e que ao mesmo tempo impressione nos peitos dos intendedores os mais ardentes desejos, em pró do meu empenho, afim de se não baldarem as grandes fadigas litterarias, que, sempre encadeadas, chegarão a occupar os melhores annos da minha existencia».

O folheto divide-se em dois livros: I) *Instrucçoens de Numismatica*; II) *Das instrucções numismaticas*,—e cada um d'elles consta de differentes capitulos. Contém para o tempo, e ainda em parte para agora, para leitores portuguezes, algumas noções uteis. Digo em parte, e para leitores portuguezes, porque existem no genero muitas obras modernas em francês, italiano, allemão, inglêz, que poderão consultar-se com maior proveito. Não é sem certa sympathia especial que fallo d'este livrinho, porque foi um dos primeiros, ou mesmo talvez o primeiro, que me deu algumas luzes de numismatica, ainda durante a epocha dos meus estudos escolares.

4. O quarto e ultimo trabalho de Fontoura é o artigo a que me referi n-*O Arch. Port.*, II, 170, escrito por elle a proposito da inscripção dos *Banienses*, achada em Moncorvo, e hoje existente no Museu Ethnologico Portuguez. Como a inscripção foi encontrada em 1845, segue-se que o artigo é posterior a esta data.

*

O que se sabe da biographia propriamente dita de Carneiro de Fontoura é demasiado escasso para que possam precisar-se quaes as influencias especiaes que o levaram a occupar-se da archeologia. Como base das manifestações do espirito humano está a propria natureza do espirito. Porque é que um individuo manifesta predisposições para pintor, outro as manifesta para mathematico, este para marinheiro, aquelle para botanico? A sciencia é impotente para responder a taes perguntas, e limita-se a indicar, quando isso se torna exequivel, as causas determinantes de certas manifestações. Assim se comprehende, por exemplo, que, dada a impulsão nativa, irreductivel, do espirito de André de Rêsende para a archeologia, elle encontrasse, quer na sua patria, Evora, que possui interessantes monumentos romanos, quer em viagens que realizou pela Hespanha, Italia, etc., e no convivio de homens eminentes na materia, alimento do fogo sagrado que o abrasava.

A respeito, porém, do que actuou no espirito de Carneiro de Fontoura nada posso, como ponderei, indicar ao certo.

Em Jou e Lamas de Orelhão havia algumas antigualhas, como se verá no Appendice a este artigo: isso porém tem tão pouca importancia

para o caso, que nem vale a pena citá-lo. Talvez a estada em Braga, a vista dos monumentos antigos que lá ha, a familiaridade com um ou outro professor mais instruido, tivessem exercido nelle alguma influencia, bem como o facto de Fontoura ser de familia antiga, — o que até certo ponto desperta o interesse pela historia —, e por ventura as relações com o seu tio Padre da villa de Franco. No entanto, mais prudente é dizer que nada sabemos positivo, do que estarmos a propôr hypotheses pouco fundamentadas.

Carneiro de Fontoura não se limitou a escrever tratados de archeologia; tambem foi colleccionador: pelo menos, ao citar umas moedas romanas e goticas apparecidas perto das Lamas de Orelhão, refere-se ao seu *gabinete*, isto é, á sua collecção numismatica: vid. *Apparato de antiguidades*, Parte II, pag. 120-121.

Como Appendice a este artigo, publico alguns trechos que extrahi do *Apparato de antiguidades*, e que me parecem interessantes. Ahi encontrarão os leitores várias noticias curiosas, e duas inscripções que supponho ainda ineditas. Os meritos de Carneiro de Fontoura ficarão d'este modo mais patentes.

APPENDICE

Extractos do «Apparato de Antiguidades Romanas» de Carneiro de Fontoura

I. Sepulturas prehistoricas

Modorras e dolmens

«Sobre algũas das sepulturas costumavão [os Romanos] amontoar grande quantidade de terra, e a este montão chamavão *agger sepulcralis* ou *tumulus*, pelo que fingiu Virgilio, no liv. III das *Eneidas*, v. 62, que Eneas, a respeito do tumulo de Polydoro, fallára assim:

*Ergo instauramus Polydoro funus et ingens
Aggeritur tumulo tellus.....»*

E accrescenta no fim da pagina a seguinte interessante nota:

«D'estes tumulos sepulcraes existem inda hoje muitos por varias partes da provincia de Tras-os-Montes, aos quaes aqui chamão *modorras*, nome bem proprio pelo que significa Na freguesia de Joulogar da minha naturalidade, em terra de Chaves, perto da quinta de Valdegoa, estão dous d'estes tumulos no alto de uma pequena collina, que por isto se chama *Módorra*, e o vulgo a denomina *Mudorra*. Em roda do logar de Zebras, freguesia de Valles, tãobem districto de Chaves, hoje de Carrazedo, existem muito d'estes marachões, principalmente em umas planuras incultas, e pela maior parte cubertas de

algun pequeno mato, ao Sudueste e Poente da dita povoação: dos naturaes alli, por não saberem o que aquillo he, uns lhes chamão *Muradelhas*, e outros *Casas da Moura*. Alguns d'estes montões de terra forão já alli, e em outras partes, escavados, e desfeitos por pessoas que esperavão achar thesouros; porém o que quasi sempre tem apparecido debaixo, he uma especie de cabana formada de quatro ou cinco pedras grandes, á similhaça de columna, postas ao alto, e encostadas umas contra outras; de modo que o cume da tal cabana, ou finda em pont'aguda, ou he cuberto com outra pedra, que lhe serve de tecto. Dentro apparecem quasi sempre carvões, ossos e cinzas dispersas, ou mettidos em urnas. O P.^o Contador, nas suas *Memo-rias de Braga*, tom. II, pag. 511 e 512, falla de alguns d'estes montinhos de terra e cabanas dictas, na freguesia de Mondrões, termo de Villa-Real, e de outros muitos na provincia de Minho, aonde os taes montinhos se chamão *Mamôas*; e ainda que menciona uma d'estas mamoaas em que apparecerão algũas pedras sepulcraes, mesmo assim não tem estes marachões por tumulos, o que evidentemente he erro». — Parte II, pag. 20-21.

II. Sepulturas romanas

1) Sepulturas romanas em geral

«Não forão os Romanos tão esmerados e cuidadosos das proprias casas em que vivião, como das sepulturas em que havião de jazer depois de mortos; e isto, ou porque olhavão aquellas só como hospedagens, e estas como habitações perpetuas, ou porque, á similhaça dos Egypcios, a sua maior consolação era, quando morressem, deixar por meio das inscripções e outros monumentos sepulcraes de tal modo perpetuada sua memoria, que jamais esquecessem entre os homens seus nomes, acções e virtudes. Mas, como estavão persuadidos de que se acaso carecessem de sepulturas, não podião suas almas ser admitidas na barca do inexoravel Charonte, sem que primeiro andassem cem annos errantes nas margens dos rios infernaes, por onde devião passar aos campos Elysios, parece que entre elles este motivo, ensinado pela sua religião, seria o mais poderoso para cada um mais antecipadamente cuidar da sua propria sepultura, com toda aquella magnificencia, que permittião os seus teres, dignidades e capricho». — Parte II, pag. 17-18.

2) Sepulturas de tijolo romanas

«Os muitos fragmentos de tijolo, de que inda hoje vemos semeados alguns campos, assaz bem nos certificam que as sepulturas feitas

d'esta materia, erão vulgares nesses tempos [dos Romanos], ao menos aonde não havia pedra de granito ou qualquer outra apta para se lavrar». — Parte II, pag. 19.

3) Sepultura romana de Avidagos

Ao descrever, na Parte II, pag. 18-19, sepulturas romanas «feitas de grandes tijolos, unidos e seguros com pregos e chapas de ferro», diz na nota 2 de pag. 19:

«No anno de 1825 appareceo uma d'estas sepulturas na freguesia d'Avidagos, termo da villa de Lamas de Orelhão. Tinha nove palmos de comprimento, e quasi quatro de largura, á similhaça de uma arca: dous abraçadores de ferro com prégos seguravão a união dos tijolos em cada um dos quatro angulos, e tres grandes tijolos, tãobem ligados com ferros, formavão a tampa, que sobresahia com seu bordo pendente em roda da sepultura, tãobem á similhaça da tapadoura da arca. Dentro estava a urna das cinzas, á similhaça de hum alguidar, e de tudo eu não vi mais que varios pedaços e fragmentos, porque os rusticos que achárão esta sepultura na occasião em que plantavão vinha fizerão logo tudo em miudos, com a pressa de possuirem os thesouros que suppunhão de baixo».

Pela minha parte direi que tambem já encontrei e explorei uma sepultura romana feita de tijolos com uma tampa de marmore segura por varões de ferro.

III. Inscriptões romanas

1) De Villa-Flor

«Na estrada, que de Villa-Flor vai para a Torre-de-Moncorvo, e sitio em que os passageiros começam a subir á collina, que separa os campos da Villariça, do rio Sabôr, está uma estalagem denominada da *Silveira*, e em cima de uma das suas portas, para o Sul, uma grande pedra, com a seguinte inscripção, que segundo me parece ainda não foi publicada:

D · M · S ·
 ALLIA RE
 BVRINA
 N XLV H · S ·
 ST · T · L ·

Diis Manibus sacrum. Allia Reburrina annorum XLV hic sita est. Sit tibi terra levis. — Parte II, pag. 26-27.

O A. faz notar que os $\Delta\Delta$ não estão cortados, e que REBVR-RINA tem um só R.

Esta inscrição não se encontra no vol. II, do *Corp. Inscr. Lat.*

«No mesmo sítio em que eu vi, e copiei da propria pedra a inscrição, que acima marquei com o n.º 9, consagrada aos Manes de Allia Reburrina, existe ainda, com varios fragmentos de outras, a seguinte:

D · M
Q · MART
IONI A
XXVIII
H S E
S · T · T · L ·

*Aos deoses Manes e a Quinto Marcião, de vinte e oito annos, de idade, o qual aqui está sepultado. A terra te seja leve. A cifra N no fim da terceira regra, vale por AN e diz annorum». — Parte II, pag. 36. — Esta inscrição não vem no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.**

É curioso *Martioni = Marcioni*. De *Marcio* ha um exemplo no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 773 nota.

2) De Braga

«Inscrição de Braga, onde a vi dentro do pateo e parede das casas dos Barros antigos da rua das Travessas, aonde hoje assiste o conego José Maria da Silva, e diz:

ASCLEPIO
IPHYGIAE
MARCVS
EX VOTO

As letras forão abertas por mão habil, e achão-se bem conservadas, assim como a pedra, que he hum pedestal de estatua com sua tarjeta em roda das letras das inscrições, as quaes forão douradas, como inda claramente se vê».

O A. diz que João de Barros a cita. Queiroga interpreta: *Marco, por voto que fez ao deus Esculapio pôz esta base ou peanha á sua effigie*. Pag. 54. — Mas deve ler-se ET HYGIAE. Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2411.

3) De Marialva

«Na villa de Marialva, comarca de Pinhel, está na parede de uma casa particular, a seguinte inscripção, que me foi remetida por pessoa intelligente, que a copiou com todo o esmero:

IMP · CAES · DIVI TRAIANI PARTHICI
F · TRAIANO AVC · PON · MAX · TRIB ·
POTEST · COS · II CIVITAS ARAVOR

Parte II, pag. 85.—Esta inscripção vem com melhor fórma no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 429.

IV. Bracara Augusta

«O sitio de Braga he no melhor clima da zona temperada, debaixo de ceo claro em campo fertilissimo, e espaçosamente plano, quasi na enseada do mar, sitio em tudo a proposito para gosar das riquezas do país e da navegação, que no tempo dos Romanos se fazia grande pelo rio Cadavo, des o mar até o sitio da Furada, a uma legoa de Braga, como prova o Contador de Argote. Era por tanto Braga sobrepujante em qualidades naturaes, e sem fallar nas civis de convento juridico e dictado de *Augusta*, por serem extensivas a outras cidades de menos consideração, Braga, já nesses tempos melhor que agora, se avantajava a todas as da Gallecia, em paralelo com as maiores da Citerior e Ulterior Hespanha; em grandeza, como testeficão os vestigios da sua grande extensão, em trafego por ser praça de negociantes cidadãos Romanos (Grutero, pag. 498, inscrip. 6), em belleza, como nos consta por varios monumentos de seu antigo esplendor, e finalmente na opulencia, como nos consta por Ausonio, no seu tractado *Clarae Urbis*, aonde, comparando Braga com as maiores das Hespanhas, só a esta dá o epitheto de *Rica: Quaeque sinu pelagi jactat se Bracara dives*. Mas no que Braga excedeo sempre des os primeiros tempos de Augusto, sem jámais ser excedida por outra algũa cidade, foi na magnificencia dos seus grandes caminhos. Erão cinco os principaes, todos pavimentados de pedras quadradas, e ourelados com suas guardas, todos medidos, e assignalada cada uma das milhas com padrões cylindricos de grandeza desmarcada, em que inda hoje vemos os nomes, e titulos dos Imperadores Romanos, e dos Pro-prettores e legados, que mandarão reformar estes caminhos assim magnificos. Em um destes, a que chamarão *Via Nova* (e depois se chamou Geira porque passava pelo monte Gerês) fizerão os Romanos grande ostentação do seu poder,

rompendo montanhas, vencendo alturas, e fabricando pontes, etc. tudo tão profusamente, que elles mesmos intitularão este caminho *Obra grandiosa*, como vemos na inscripção exhibida pelo Contador de Argote, tom. I, pag. 552, que diz no fim della: *Opus amplum, etc.*— Parte II, pag. 93-95, nota.

V. Antigualhas das Lamas de Orelhão

Na Parte II, pag. 120-121, falla de uma povoação antiga que ficava perto de Lamas de Orelhão, «em uma collina proxima, hoje chamada *Muro*, pelas muralhas de que era cercada, de cujas ruinas se edificou a villa nova, em logar mais commodo». E accrescenta que ahi appareceram muitas moedas consulares, imperiaes e goticas. Na Parte I, pag. 311, tem tambem uma referencia a estas ruinas, e diz que a collina é cercada não só de muros, mas de fossos.

J. L. DE V.

Notas e considerações sobre Bragança

Como comprovando mais as razões que expus num trabalho que intitulei *Bragança e Bemquerença*, publicado pela benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa em seu *Boletim*, n.ºs 3 e 4 de 1898-1899, e que me levaram a crer que na collina da Villa de Bragança, antes de D. Sancho I a mandar fortificar, deviam ter existido outras povoações de povos que por aqui estacionaram, sendo uma d'ellas romana, que poderia ter sido a **Brigantia*, tenho agora mais de accrescentar o achado em differentes pontos d'este local de moedas de cobre romanas que estão no Museu, algumas d'ellas apparecidas em remoções de terras e a uma tal profundidade que indica, bem como a consistencia do solo, que ha muito tempo tinham ficado alli.

Outra informação tambem se me deparou, que é abonatoria do mesmo parecer e que tenho como argumento valioso, posto que não passe de mera tradição. Vem a ser a noticia que li a paginas 125-v de um manuscrito, que comprei a um vendedor de ferros velhos, intitulado *Tombo da Igreja de S. João*, em que, a proposito de uma curiosa e interessante questão levantada em 1643 e decidida em Miranda do Douro sobre as primazias das duas igrejas matrizes de Bragança, Santa Maria e S. João, o parochio d'aquella, que está no ponto mais elevado da referida collina, allega, como um dos motivos de preferencia, a sua antiguidade, dizendo: «Provaria que a Igreja de S.^{ta} Maria Matriz da Cidade de Brag.^a de que elle Embargado he Prior he tão